

## VESTIR E DESPIR: ENTREVISTAS SOBRE TIPOLOGIAS

*Donning and doffing: clothing types interviews*

Schiehll, Letícia Oliveira; doutoranda; Universidade de Lisboa,  
leticiaschiehll@hotmail.com<sup>1</sup>

Simões, Inês; PhD; Universidade de Lisboa,  
ines.sa.simoes@gmail.com

Moreira da Silva, Fernando; PhD; Universidade de Lisboa,  
fms.fautl@gmail.com

### Resumo

Este é um estudo sobre o vestir e o despir. A partir de entrevistas a mulheres com patologias musculoesqueléticas, tentamos identificar, dentro da tipologia de vestuário, quais as peças de maior dificuldade em vestir e despir. Assim, constatamos que os *tops* são as peças de maior criticidade e que a eliminação de etapas e ângulos dos movimentos executados facilita o vestir.

Palavras-Chave: vestir e despir; vestuário feminino; tipologia de vestuário; patologias musculoesqueléticas, autonomia e design participativo.

### Abstract

*This is a study about donning and doffing. Through interviews with women with musculoskeletal pathologies, we try to identify the garment pieces presenting higher difficulty in the donning and doffing procedures. Thus, we find that the greatest difficulty are in dressing upper body, and by the elimination of steps and angles of movements executed facilitates donning.*

*Keywords: donning and doffing; woman clothing; clothing type; musculoskeletal pathology; autonomy and participative design.*

### Introdução

O presente estudo foca-se nos atos de vestir e de despir.

Tratamos da relação do indivíduo com a roupa no processo de vestir. As formas de desenvolvimento do vestuário, as técnicas e os materiais utilizados dependem dos avanços sociais e tecnologias existentes, assim como dos contextos cultural e geográfico.

As diversas percepções sobre a roupa e sobre o vestir e o despir possibilitaram a coexistência de uma gama enorme de tipologias e soluções respectivamente. Do mesmo modo, o pensamento lógico desenvolvido por

---

<sup>1</sup> Graduada em Design de Moda pela Universidade Feevale – RS/Brasil/2009. Pós-graduada em Moda, Criatividade e Inovação na Faculdade de Tecnologia do Senac – RS/Brasil/2011. Doutoranda em Design da Universidade de Lisboa – Lisboa/Portugal.

cada povo possibilitou as diferentes formas de entendimento de como a roupa deve ser projetada, de acordo com as suas formas de entender o vestuário, o vestir e despir.

Tanto as civilizações europeias como as orientais desenvolveram primeiro uma concepção de vestuário que dependeu das técnicas de tecelagem dos tecidos utilizados em toda a sua extensão e que implicavam o investimento humano em práticas de enrolar e drapear as vestes. Pensa-se que a técnica da modelagem plana tenha começado a ser praticada no final da idade média para possibilitar replicar a forma do corpo, implicando a fragmentação das roupas em diversos componentes que envolvem, cada um, os vários segmentos corporais.

A partir de um estudo centrado no vestuário, pretendemos identificar que peças apresentam maior dificuldade e facilidade no processo de vestir, de acordo com a opinião de um grupo de mulheres com patologias musculoesqueléticas. Como metodologia, além de pesquisa bibliográfica, aplicamos a metodologia de pesquisa por entrevista a este conjunto de senhoras previamente selecionado.

Com este estudo, intentamos perceber as técnicas de concepção do vestuário, dos processos de vestir, assim como, a partir da análise a diferentes tipologias, identificar as características associadas à facilidade em vestir e despir.

### **Vestuário, vestir e despir**

No início da história do vestuário é possível perceber duas formas distintas de concepção do traje: uma cujo processo de vestir contempla colocar a peça sobre o corpo e outra cujo processo de vestir considera enrolar o corpo com a peça. Esta diferenciação deve-se, em um primeiro momento, às características e forma de entendimento da matéria-prima.

Entretanto, a forma de pensar a veste e a projeção da mesma, envolvem características comportamentais distintas. Assim, a partir de estudos sobre a história do vestuário (KOHLENER, 2001; LAVER, 1993; PENDERGAST et al., 2004; SIMÕES, 2005), identificamos quatro

paradigmas fundamentais na evolução do processo de vestir que trata as formas de projeção e as alterações no vestir e no despir:

1. O sobrepor o tecido – nomeadamente pele de animais – ao corpo. Esta foi a primeira forma de relação homem-pele, homem-tecido, homem-segunda pele. É o momento em que a história da roupa começa, pois é quando o Homem pré-histórico, retira a pele do animal e sobrepõe-na à sua, dando início à ideia de (re) cobrir, (re) vestir o corpo.

2. Enrolar – Médio Oriente e Oriente – e/ou envolver – Grécia, Roma Antiga, Egito – o corpo com um único componente de tecido, técnica esta que é ainda hoje muito utilizada nas sociedades como Índia e em alguns países de África. É a utilização da matéria têxtil em toda sua extensão, e sem cortes, o que implica posteriormente em moldar o retângulo tecido ao corpo, manifestou-se de várias maneiras, i.e., deram origem a uma série de peças distintas que se diferenciaram pelos comprimentos e pelas larguras dos tecidos utilizados.

3. O ajustar da veste ao corpo em uma tentativa de replicar o corpo, ou seja, após a sobreposição ou o vestir em forma de enrolar o tecido, ele é amarrado e drapeado. É a forma como se fazem os fechamentos do tipo de peças citadas acima e incluem i) prender a camada exterior do tecido à(s) camada(s) interior(es), ii) amarrar as pontas do tecido, iii) colocar alfinetes, tiras ou cintos. Além de moldarem a silhueta do corpo, todas estas estratégias têm como objetivo valorizar determinadas partes do corpo.

3. Replicar o corpo com o tecido, concepção que vigora ainda hoje nas sociedades ocidentais. Com este propósito, que dá origem à modelagem plana e ao ressurgimento da *moulage* no século XIX, as roupas passaram a ser compostas por diversos componentes que se encaixam nos segmentos corporais através de recortes – como o decote, as cavas –, costuras e pences.

Além dos diferentes processos de desenvolvimento do vestuário, as formas de se colocar uma peça também são imensas. Um sutiã comum, com fechamento por colchete na parte inferior das costas, por exemplo, pode ser vestido de inúmeras formas, nomeadamente do lado avesso ou direito, na posição correta ou com a parte das costas posicionadas à frente e em uma

diversa variação de etapas: i) fechando os colchetes atrás das costas e colocando depois as alças; ii) colocando primeiro as alças e depois fechando os colchetes das costas; iii) fechando os colchetes à frente do corpo, com a peça do lado avesso e depois virando-o para a posição e lado corretos e então vestindo as alças; iv) vestindo as duas alças ao mesmo tempo, ou uma e depois a outra, v) ou até mesmo já fechado, como um top. E no que refere as formas de despir, o número de possibilidades também é variável.

Enfim, o número de formas de vestir e despir determinada peça depende da necessidade e do próprio entendimento que cada indivíduo tem da peça, sendo que não existe maneira certa ou errada de vestir e/ou despir. No entanto, existem formas estipuladas por profissionais de terapia ocupacional para facilitar este processo para pessoas que apresentam algum tipo de limitação física – como as patologias musculoesqueléticas –, de forma a garantir maior autonomia funcional ao indivíduo. Contudo, é a interpretação que um indivíduo tem de determinado objeto que lhe proporciona o entendimento do uso que lhe deve ser dado, da forma como deve ser usado.

De qualquer modo, o processo de vestir é uma das seis atividades da vida diária, de acordo com a escala de Katz, habitual e necessária para a manutenção da independência e autonomia (LESSA et al 1994). Trata-se de ações relacionadas à facilidade de manejo, combinadas com aspectos anatômicos, antropométricos e biomecânicos (MARTINS, 2008). Ou seja, são ações que dependem do corpo e dos seus movimentos, sendo necessários níveis suficientes de agilidade, mobilidade articular e coordenação motora do segmento corporal em questão para realizá-lo em sua totalidade (VALE et al, 2006). Este processo compreende seis etapas: i) selecionar a roupa; ii) obter a roupa; iii) vestir ou colocar a roupa; iv) ajustar – referente aos fechamentos; v) ajeitar a roupa ao corpo e vi) o despir ou tirar a roupa.

Crianças com dois anos já são capazes de se despir sozinhas. Com cinco ou seis anos são capazes de fazer tudo sem ajuda, como atar laços e fechar botões, posto que já adquiriram algum controle de motricidade fina e grossa sobre o seu corpo, ou seja a coordenação entre aquilo que se quer e o que se consegue realizar (DRESCHER, 1999; NUCCI et al, 1996; PAPALIA, 2010). Assim, entendemos o processo de vestir como uma

construção individual dependente das capacidades do corpo e quando este ato torna-se um problema para uma pessoa porque não consegue colocar determinada peça, a sua autonomia e a sua independência são postas em causa, uma vez que refletem a necessidade de todo ser humano em não depender de terceiros (LEMOS e MEDEIROS, 2002). É segundo este princípio que abordamos a roupa: a sua importância no contexto sociocultural, na identidade e personalidade de um indivíduo, dado que reconhecemos as mudanças de nossa vida por meio das alterações no vestuário (TWIGG, 2007; LURIE, 1997).

Este ponto nos leva ao contexto social em que estamos inseridos: “O mundo está envelhecendo rapidamente”, cita a Organização Mundial da Saúde (WHO, s.d.). Apesar das diversas definições de envelhecimento, o maior motivo de limitações funcionais é o envelhecimento secundário individual, sendo as doenças do sistema locomotor – i.e., patologias musculoesqueléticas – as principais responsáveis pela perda de autonomia e independência (ANDRADE, 2009).

### **Metodologia**

Tendo em vista a dificuldade em vestir e despir apresentada por indivíduos com patologias musculoesqueléticas, realizamos um conjunto de entrevistas a vinte e seis mulheres com tal diagnóstico de forma perceber quais são as peças consideradas mais difíceis nesse processo. Os resultados apresentados têm base na observação direta efetuada no âmbito de uma investigação ativa que inclui a metodologia de design participativo.

O grupo de amostra selecionado pertence a dois grupos distintos de mulheres: metade das entrevistadas são residentes da "Casa do Artista", em Lisboa e estão em tratamento na clínica de fisioterapia daquela instituição; a outra metade das entrevistadas são pacientes de uma clínica de fisioterapia no Rio Grande do Sul – Brasil. Os critérios de inclusão foram: i) mulheres semi-dependentes e independentes; ii) mulheres com alguma patologia musculoesquelética; iii) mulheres com alguma dificuldade no processo de

vestir; iv) mulheres que não apresentam patologias neurológicas em estado avançado, ou seja, com boa capacidade cognitiva.

De modo a quantificar o que as senhoras percebem como peças mais difíceis e fáceis de vestir e despir, apropriamo-nos das definições de Foddy (1994), e recorremos a um questionário com o apoio da metodologia de entrevista. Utilizamos valores numéricos para definir graus e opções de direcionamento das respostas. Desta forma, as peças foram identificadas da mais difícil para a mais fácil, sendo o ‘1’, a mais difícil e o número que mais se afasta de ‘1’ a mais fácil – este número varia de acordo com a quantidade de peças em cada categoria. Desta forma, cada entrevistada numerou por ordem de dificuldade as peças e, após o tratamento dos dados, foi possível identificar a peça mais votada em cada uma das categorias. Para a identificação de cada tipologia, criamos um quadro de divisão das peças, considerando as características de cada uma, seja pelo tipo de roupa, pelo estilo, estrutura ou partes de cada peça – imagem 1. Assim, os grupos de amostras foram inqueridos com o auxílio de imagens, para uma maior compreensão e para a identificação das dificuldades e facilidades nesta ação.

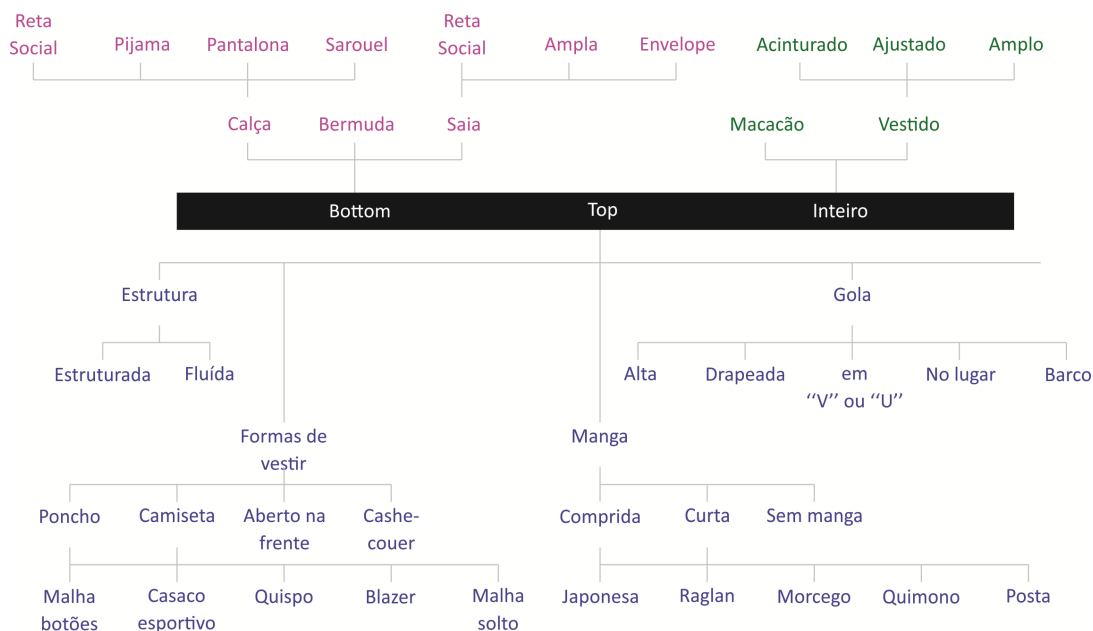


Imagem 01 – Tipologia (autores)

Importa ainda sublinhar que as entrevistas foram precedidas de um breve enquadramento da investigação em curso: do que se trata e o que é pretendido com tal questionamento. Também enfatizamos que o principal

objetivo se centrava na facilidade em vestir e despir cada peça, de modo a excluir o fator ‘gosto’ relativamente às imagens e às peças representadas.

## Resultados

Após o tratamento dos dados, foi possível identificar que, para as entrevistadas, a maior dificuldade está em vestir peças que cobrem a parte superior do corpo (fato este apontado por 46,2% das senhoras), enquanto as peças que cobrem a parte inferior do corpo são de dificuldade média (tal como referido por 38,5% das senhoras). As peças inteiras foram consideradas as mais fáceis de vestir por 50% das senhoras. O macacão foi considerado mais difícil de vestir que o vestido e da gama de vestidos, o justo na cintura ficou na posição 1 (80,8%), o ajustado na posição 2 e o amplo na posição 3 (61,5%).

maior dificuldade				menor dificuldade	
1 TOP		2 BOTTOM		3 INTEIROS	
1 MACACÃO				2 VESTIDO	
1 VESTIDO ACINTURADO		2 VESTIDO AJUSTADO		3 VESTIDO AMPLO	
1 ESTRUTURADA				2 FLUÍDA	
1 CACHE-COEUR		2 CAMISETA		3 CAMISA	
1 BLAZER		2 CASACO MALHA COM BOTÕES		3 QUISPO	
		4 CASACO ESPORTIVO		5 CASACO MALHA SOLTO	
1 MANGA COMPRIDA		2 MANGA CURTA		3 SEM MANGA	
1 MANGA POSTA		2 MANGA RAGLAN		3 MANGA QUIMONO	
		4 MANGA JAPONESA		5 MANGA MORCEGO	
1 GOLA ALTA		2 GOLA NO LUGAR		3 GOLA DRAPEADA	
		4 GOLA EM BARCO		5 GOLA EM 'V', 'U'	
1 CALÇA		2 BERMUDA		3 SAIA	
1 SAIA RETA SOCIAL		2 SAIA ENVELOPE		3 SAIA AMPLA COM ELÁSTICO NA CINTURA	
1 CALÇA SAROUEL		2 CALÇA PANTALONA		3 CALÇA RETA SOCIAL	
		4 CALÇA PIJAMA			

Imagem 02 – Grau de dificuldade de cada tipologia (autores)

Quanto à estrutura, as roupas mais fluidas foram preferidas às estruturadas. No que toca às maneiras de vestir, as senhoras classificaram o *cache-coeur* como a peça mais crítica (50%), pois implica enrolar a peça à volta do corpo, seguida da camiseta (42,3%) que implica vestir pela cabeça e braços, até cobrir o tronco, e por último a camisa aberta à frente (38,5%). O poncho – que implica vestir pela cabeça – foi considerada a peça mais fácil nessa categoria (57,7%). Em relação aos casacos, as senhoras apontaram o *blazer* como a peça de maior dificuldade (posição 1, 42,3%). O casaco de malha com botões, o quispo e o casaco esportivo ficaram nas posições 2, 3 e

4 respectivamente, ficando o casaco de malha solto na posição 5, com 32,5%, por ser o mais fácil de vestir.

As peças sem manga são as mais fáceis (92,3%), e com a manga comprida, mais difícil (84,6%) em relação à manga curta. No que toca ao tipo de manga, a maior dificuldade está na manga posta (38,5%), seguida, por ordem decrescente da manga *raglan*, quimono, japonesa e morcego (que, na opinião de 46,2% das entrevistadas). Quanto ao tipo de gola, a gola alta foi considerada a mais difícil de vestir (92,3%), seguida pela gola no lugar (65,4%), drapeada (50%), em barco (50%) e a gola aberta em 'V' ou 'U' com 53,8%.

Ao tratarmos das peças inferiores, a ordem de dificuldade foi a seguinte: as calças com 50%, as bermudas com 57,7% e a saia com 57,7%. A saia reta social foi considerada a mais difícil de vestir (61,5%) e a ampla com elástico na cintura a mais fácil (80,8%). Quanto às calças, a sarouel foi considerada a mais difícil por 61,5% das senhoras, seguida da calça pantalonada (46,2%), reta social (34,6%). 88,5% das senhoras consideram a calça pijama a mais fácil de vestir.

### **Discussão e Considerações**

As patologias musculoesqueléticas são decorrentes do processo de envelhecimento do aparelho locomotor que, como vimos, é o responsável pelas maiores perdas de autonomia e independência de um indivíduo. Desta forma, de acordo com os resultados obtidos, podemos constatar que o *top* é a peça mais crítica no processo de vestir, estando os movimentos dos membros superiores diretamente relacionados.

Percebemos também a preferência das entrevistadas por peças inteiras, que eliminam etapas no vestir e despir, pois com uma só peça e de uma só vez são capazes de cobrir a parte superior e inferior do corpo. Esta escolha está muito mais associada a vestidos, sendo necessária em especial, a movimentação dos membros superiores. Mas, se por um lado exigem a execução de movimentos considerados mais críticos, por outro, na opinião destas senhoras, tais peças precisam ser amplas para facilitar o processo.



A eliminação de etapas no vestir e despir, referente a uma peça dentro de uma gama de peças da mesma tipologia, é também um indicador de facilidade no manejo, como é o caso do poncho que envolve vestir o tronco sem ter que vestir ou despir mangas. Outro ponto que ressaltamos é a diminuição na amplitude dos movimentos realizados, identificados tanto nas peças inteiras, como por exemplo, na blusa de manga morcego.

Porém, peças amplas nem sempre são sinônimo de facilidade ao vestir e despir: no caso do vestido e da saia ampla com elástico na cintura, a amplitude da peça parece facilitar o vestir e despir; entretanto blusas com gola drapeada e calças pantalonas representam aumento na dificuldade no vestir e despir. Tal deve-se, especialmente ao excesso de tecido que exige um grau mais elevado de coordenação e habilidades motoras, bem como aos transtornos que tais peças acabam por causar na etapa de ajeitar a roupa.

Com relação às mangas, percebemos que a maior dificuldade apresenta-se ao colocar a cava, sendo que as peças que têm uma cava bem definida e justa ou ajustada mostraram-se fatores de elevada dificuldade; ao passo que aquelas cuja cava apresentava maior extensão na sua própria construção – tal como o caso da manga morcego – ou que a distância entre as cavas era maior – como nos casacos ou camisas –, a dificuldade em vesti-las diminui consideravelmente. No que se refere às golas, quanto mais abertas, mais fáceis foram consideradas de vestir e despir, exigindo tanto menor amplitude no movimento dos braços quanto de inclinação da cabeça.

Para as peças inferiores, em especial saias, são preferíveis as mais amplas e com elásticos na cintura, ou seja, sem fechamentos que indiquem ter-se motricidade fina.

Se por um lado as roupas mais fluidas foram consideradas as de menor dificuldade, por outro, um pouco de estrutura mostrou-se também importante e relevante, sendo que os casacos que apresentavam uma estrutura intermédia – nem tão rígidos como um blazer, nem tão fluidos como um casaco de malha solto – tiveram uma boa graduação, tendo sido colocadas nas posições três e quarto – em uma escala de um a cinco.

Também podemos constatar que peças de menor uso ou das quais este grupo têm menor conhecimento, como o macacão, as calças *sarouel* e a

blusa *cash-coeur*, foram identificadas como complicadas. Sendo que, nestes casos, mais do que processo de vestir, foi o conhecimento e entendimento da peça pelos usuários que se mostrou um indicador de dificuldade.

Percebemos também, por parte de algumas das senhoras, uma relutância em identificar como fáceis de vestir ou despir, peças que não gostam de usar, sendo que uma delas ainda ressaltou: ‘Como vai ser fácil pôr uma coisa que eu não gosto?’. Assim, independentemente da forma de vestir e despir, a identificação do indivíduo com a peça está intimamente ligada à facilidade do processo, sendo este também um fator preponderante quando se projeta vestuário e, deste modo, a parte técnica – como quando se projeta o vestuário – precisa de ser pensada funcional e esteticamente.

## Referências

ANDRADE, Fernanda. *O Cuidado Informal à Pessoa Idosa Dependente em Contexto Domiciliário: Necessidades Educativas do Cuidador Principal*. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Guimarães, 2009.

DRESCHER, John M. *Sete necessidades básicas da criança*. SP: Mundo cristão, 1999.

FODDY, William. *Constructing questions for interviews and questionnaires*. Massachusetts: Cambridge University Press, 1993.

KOHLER, Carl. *História do vestuário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVIER, James. *A Roupas e a moda: uma história concisa*. SP: Companhia das Letras, 2001.

LEMO, N., MEDEIROS, S.L. Suporte social ao idoso dependente. In FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier (Eds.), *Tratado de geriatria e gerontologia*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, pp.892-897.

LESSA, Almerindo; RENDAS, António; SAMOUCO, Maria Helena; BOTELHO, Maria Amália; RAMILO, Maria Teresa. Imagem e capacidade funcional da pessoa idosa: o envelhecimento nas periferias urbanas: um estudo no concelho de Oeiras. Universidade Internacional. Centro de estudos de gerontologia social. Lisboa: E.I Editora Internacional, 1994.

LURIE, Alison. *A Linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTINS, Suzana. Ergonomia e moda: repensando a segunda pele. In PIRES, Doroteia Baduy (org.). *Design de Moda: Olhares Diversos*. SP: Estação das letras e cores, 2008.

NUCCI, Larry P., KILLEN, Melanie, SMETANA, Judith G. Autonomy and the Personal: Negotiation and Social Reciprocity. In KILLEN, M. (Ed.), *Children's Autonomy, Social Competence and Interactions with Adults and Other Children: Exploring Connections and Consequences*. New York: Joussey-Bass, 1996, pp. 7-24.

PAPALIA, Diane E. *O mundo da criança: da infância à adolescência*. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PENDERGAST, Sara; PENDERGAST, Tom; HERMSEN, Sarah. *Fashion, Costume, and Culture*. Detroit: UXL, 2004.

SIMÕES, Inês. *A Projecção de Moldes enquanto Componente Conceptual da Construção das Peças de Vestuário*. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2005.

TWIGG, Julia. Clothing, age and the body: a critical review. In: *Ageing & Society* 27. Cambridge University Press, 2007, pp. 285–305.

VALE, R.R.S.; PERNAMBUCO, C.S.; NOVAES, J.S.; DANTAS, E.H.M. Teste de autonomia funcional: vestir e tirar uma camiseta. In: *Revista brasileira de ciência & movimento*. Editora Universa, 2006. pp. 71-78.

WHO. World Health Organization. *Ageing and life course: Our ageing world*, 2012. Retrieved September 5, 2011, from <<http://www.who.int/ageing/en/>>.